



Narrativas socioambientais, vividas e descritas pelas Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, em Alagoas

Josefa Eleusa da Rocha¹

Universidade Estadual de Alagoas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8175-1305>

Luciana Gruppelli Loponte²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0552-0529>

Resumo: Este artigo teve como propósito analisar questões socioambientais do município de Arapiraca, em Alagoas, espelhados nas Destaladeiras de Fumo como um grupo cultural, enfocando o ambiente onde viveram e vivem essas mulheres. Nessa perspectiva, estão em discussão questões ambientais vivenciadas no município, numa costura entre o passado respaldado nos salões de fumo e nas Destaladeiras de Fumo, referente aos prejuízos causados aos trabalhadores e trabalhadoras fumageiras e às discussões socioambientais hoje conduzidas em Arapiraca. A pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva qualitativa, por meio de estudos bibliográficos e entrevistas com algumas Destaladeiras de Fumo como recurso metodológico. A partir dessa pesquisa, compreende-se que discutir questões ambientais de um município é tratar do modo como as pessoas se organizam estruturalmente em sociedade e, assim, tratar da sua cultura e de suas relações com outras culturas, de como se relacionam com os outros seres humanos e com o ambiente em que vivem.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Destaladeiras de Fumo; Arapiraca.

Narrativas socioambientales, vividas y descritas por las Despalilladoras de Tabaco de Arapiraca en Alagoas

Resumen: Este artículo tuvo como propósito analizar cuestiones socioambientales del municipio de Arapiraca en Alagoas, reflejadas en las Despalilladoras de Tabaco como un grupo cultural, enfocando en el ambiente donde vivieron y viven estas mujeres. En esta perspectiva, se discuten cuestiones ambientales experimentadas en el municipio, en una relación entre el pasado respaldado en los salones de fumo y en las Despalilladoras de

¹ Doutora em Educação. Docente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: eleusa.rocha@uneal.edu.br

² Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: luciana.loponte@ufrgs.br

Tabaco, referente a los perjuicios causados a los trabajadores y trabajadoras que manejan el tabaco y a las discusiones socioambientales hoy conducidas en Arapiraca. La investigación fue desarrollada en una perspectiva cualitativa, a través de estudios bibliográficos y entrevistas con algunas Despalilladoras de Tabaco como recurso metodológico. A partir de esta investigación, se comprende que discutir cuestiones ambientales de un municipio es tratar el modo en que las personas se organizan estructuralmente en sociedad y, así, tratar de su cultura y de sus relaciones con otras culturas, de cómo se relacionan con los demás seres humanos y con el ambiente en que viven.

Palabras-clave: Educación Ambiental; Despalilladoras de Tabaco; Arapiraca.

Socio-environmental narratives, experienced and described by the Smoke Strippers from Arapiraca in Alagoas

Abstract: This article aimed to analyze socio-environmental issues in the municipality of Arapiraca, in Alagoas, reflected in the Tobacco Strippers as a cultural group, focusing on the environment where these women have lived and continue to live. In this perspective, environmental issues experienced in the municipality are under discussion, in a seam between the past supported in the smoking rooms and in the Tobacco Strippers, referring to the damage caused to tobacco workers and the socio-environmental discussions currently conducted in Arapiraca. The research was developed in a qualitative perspective, through bibliographical studies and interviews with some Tobacco Strippers as a methodological resource. Based on this research, it is understood that discussing environmental issues in a municipality is dealing with the way people structurally organize themselves in society and, thus, dealing with their culture and their relationships with other cultures, how they relate to other human beings and the environment in which they live.

Keywords: Environmental Education; Tobacco Strippers; Arapiraca.

Introdução

A produção de tabaco foi a principal atividade econômica por mais de cinco décadas em Arapiraca, município do estado de Alagoas. Além das plantações e dos varais nos quais a produção era colocada para secar, também chamavam a atenção os salões onde o fumo era destalado (retirado do talo), permitindo que, a partir daí, as folhas pudessem ser juntadas, enroladas e transformadas em cordas de fumo, que passavam por um processo de maturação para serem comercializadas. Nesse processo, a tarefa de destalar o fumo era uma exclusividade das mulheres, que cumpriam uma longa jornada de trabalho, inclusive durante a noite, para preparar as folhas de fumo que se transformam em fumo de corda.

Nesse contexto, as Destaladeiras de Fumo caracterizam um grupo de mulheres residentes no município de Arapiraca (AL) que, no passado, ou mais especificamente nas décadas de 50 a 80 do século passado, referente a um período em que o município era considerado um dos maiores produtores de fumo do país, trabalhavam horas a fio nos salões ou armazéns, na destalagem e seleção das folhas de fumo. Em meio ao trabalho árduo que se estendia até a madrugada, elas cantavam e criavam versos que ficaram conhecidos como

“cantigas de salão de fumo”. A atividade, que surgiu de forma natural, se tornou um atrativo na época da colheita e acabou deixando o trabalho mais alegre e menos cansativo.

Constatou-se, porém, que com o passar dos anos e com o declínio da cultura do fumo na região, a atividade diminuiu em grande proporção. Atualmente, nos poucos salões em que ainda resistem, já não se ouvem mais os cantos que embalavam essas mulheres. Para recuperar essa atividade que se tornou tradição na Região Metropolitana de Arapiraca, parte dessas mulheres hoje revivem as cantigas entoadas durante a destalagem nos salões, constituindo dois grupos culturais, que se apresentam nos palcos de grandes eventos culturais em várias cidades do país.

Sabemos, no entanto, que em meio a todo o valor econômico, histórico e cultural vivido e agora cantado por mulheres que vivenciaram de perto esse momento de Arapiraca, que o fumo em sua essência é prejudicial à saúde humana, não somente pelo consumo, mas, principalmente, pelo contato no processo de transformação antes da industrialização. Dessa forma, perguntamo-nos: E os trabalhadores e trabalhadoras agrícolas de Arapiraca, que convivem diretamente com o plantio e colheita dessa planta, também sofrem os malefícios causados pelo fumo?

Historicamente, o estado de Alagoas tem sua atividade agrícola especialmente centrada da cana-de-açúcar, no cultivo de hortaliças e na cultura do fumo, o seu suporte econômico. Esse fato proporcionou destaque no cenário nacional e internacional, especificamente com o cultivo do fumo na região do Agreste e do Sertão, chegando, nos anos de 1970, a ser considerado o maior parque fumageiro da América Latina.

Guedes (1999) descreve em sua pesquisa que o cultivo do fumo no município de Arapiraca iniciou-se no ano de 1880, por iniciativa de produtores descontentes com a agricultura de subsistência, que tinha a mandioca como atividade predominante. O autor descreve ainda que, no período descrito, a produção do fumo era comercializada entre os moradores da região, mas com o passar dos anos aprimorou-se quanto à utilização de novas técnicas de plantio, bem como à adoção do sistema de “meeiros”³, implantado e difundido a

³ Meeiro é um sistema de trabalho, comum no Nordeste do Brasil e muito utilizado nas plantações de fumo, em que o agricultor utiliza as terras de um fazendeiro e, ao final da safra, divide a produção com o dono do terreno.

partir de 1936, e o uso de novos instrumentos agrícolas que possibilitaram o crescimento das atividades e a expansão do mercado consumidor para todo o país. Conforme a narrativa de Oliveira (2005), a cultura do fumo dominava as relações produtivas e comerciais no município. Em sua visão, os pequenos fumicultores participaram ativamente de todo o processo, permitindo o acesso à renda gerada pela atividade, movimentando, assim, toda a economia local.

Com o aumento da produção, algumas pequenas empresas começaram a se instalar na região, o que chamou a atenção de outras de grande porte, como a *Souza Cruz* e, mais adiante, a *Almerindo Portugal*. Em 1960, o município chegou à sua melhor fase econômica, destacando-se entre as cidades da Região Norte e Nordeste, passando a ser conhecida como o maior parque fumageiro do Brasil, pela propagação da folha do fumo em toda a microrregião do Agreste alagoano.

Riquinho e Hennington (2014) apontam que a exposição dos trabalhadores à poeira das folhas secas do tabaco, resultante do processo de cura, concentra nicotina e outras substâncias químicas, resultando em possíveis danos ao sistema respiratório, especialmente pela não utilização de proteção respiratória durante essas etapas do cultivo. Dentre os agricultores, foram relatadas doenças respiratórias como consequência do contato com a poeira das folhas e o adoecimento de crianças por bronquite, as quais se agravam pelo contato com as folhas do fumo seco.

Durante o período da safra, era comum pessoas envolvidas com o fumo sofrerem problemas de saúde, como problemas respiratórios, estomacais, dermatológicos, entre outros vistos ali sem muita importância, ou seja, sabia-se que os problemas vinham do fumo, mas não se visualizavam as consequências para o futuro. Hoje, sabemos que esses sintomas caracterizam “a doença da folha verde”, enfermidade causada pela nicotina e pelos fertilizantes químicos e venenos atribuídos ao fumo em seu processo de desenvolvimento.

Associando-se ainda a essa discussão, concordo com Peres e Moreira (2003), quando denunciam que as mulheres estão igualmente expostas à contaminação por agrotóxico, já que na produção do fumo elas participam em determinadas tarefas, como destalação, no caso da região de Arapiraca, mas também executam a aplicação de

agrotóxicos em diferentes etapas do processo do cultivo. Como parte desse cenário, estão as Destaladeiras de Fumo, mulheres, donas de casa, mães e trabalhadoras rurais que usaram a força do canto para atenuar o impacto dos males do fumo, transformando o ambiente social com elementos da cultura local.

Torna-se visível, portanto, que o processo de cultivo do tabaco na região de Arapiraca, comumente envolve as crianças da família, mesmo que oficialmente a indústria proíba o trabalho a menores de 18 anos. Por se tratar de uma atividade familiar, as crianças participam efetivamente, trabalhando a partir dos 10 anos, e os menores repetem as tarefas dos pais, como a classificação das folhas, e dividem o mesmo ambiente em que fica armazenado o fumo, primeiramente verde e depois seco.

Assim, usando o parâmetro da qualidade de vida, está bem explícita a ideia de que a produção de tabaco apresenta uma série de implicações para a saúde humana, percorrendo um ciclo de prejuízos, que se inicia com os plantadores, envolvendo todo o processo de desenvolvimento, produção e se estende mais adiante ao consumidor, deixando evidentes questionamentos quanto à sustentabilidade ambiental do cultivo.

A produção de tabaco apresenta uma série de implicações, as quais fazem existir questionamentos quanto à sustentabilidade do cultivo. Conforme Almeida (2005), o ciclo vegetativo da cultura dura em torno de 210 dias, contando desde o início da preparação das mudas até a colheita, cura e secagem, mas as atividades de cultura duram em torno do ano todo, pois o produtor precisa preparar as cordas de fumo para a entrega nas fumageiras e, ainda, organizar os reparos nos locais da cura e secagem.

Figura 1 – Produção da corda de fumo



Fonte: Jornal *O Joio e o Trigo*, 19 jan. 2023. Foto: Raquel Torres.

Segundo dados do relatório da Organização Mundial de Saúde, publicado pela Fundação Oswaldo Cruz⁴, o fumo causa danos nocivos ao meio ambiente desde o cultivo da folha de tabaco, que requer o uso de agroquímicos, reguladores de crescimento e novas substâncias, e contribui para o desflorestamento (DIAS, 2019). O plantio, a produção e a distribuição também requerem o uso extensivo de água e energia. Outra forma de contaminação são as emissões de fumo, que representam toneladas de gases cancerígenos, tóxicos e de efeito estufa.

Os sujeitos investigados são as integrantes dos dois grupos culturais das Destaladeiras de Fumo de Arapiraca, localizados respectivamente no Bairro Canafístula e Povoado Fernandes, utilizando como recurso metodológico e técnicas de coleta de dados a entrevista com roteiro semiestruturado, com momentos individuais e coletivos, utilizando formulário com questões abertas, direcionado às componentes dos grupos e às respectivas coordenadoras.

⁴ O fumo de corda é feito a partir das folhas de tabaco que, após colhidas e secadas ao sol, são enroladas manualmente, para formar a corda, variando entre quatro e oito o número de folhas usadas, conforme a grossura desejada. Então o fumo feito neste rolo é curado ao sol durante 60 a 90 dias e, neste período, a corda é torcida diversas vezes. Normalmente é utilizado para confeccionar cigarros artesanais, ou para ser usado em cachimbos.

Arapiraca, a cultura do fumo e suas questões socioambientais

A partir do final do século passado e até os dias atuais, as discussões sobre Educação Ambiental estão presentes nos mais diversos ambientes por nós frequentados, desde a nossa casa quando falamos de desperdício, de reciclagem, da separação do lixo, nas escolas quando falamos de meio ambiente, de sustentabilidade, ou de natureza, nas aulas de Ciências, de Geografia ou até de Matemática, porque Educação Ambiental pode e deve se encaixar em qualquer disciplina ou conteúdo. A universidade não somente pode como deve disseminar a potência das questões ambientais, que também está na rua, nas praças ou nos salões de fumo, incorporando-se ao ambiente de trabalho das Destaladeiras de Fumo.

Se no Brasil os problemas ambientais começaram a ser percebidos, questionados e adotados por pesquisadores, que perceberam aí um vasto campo de estudos e intervenções no campo socioambiental e deram os primeiros sinais em 1948, intensificados na década de 1970, em Arapiraca, podemos dizer que tudo começou em 1848, quando Manoel André, o fundador da cidade, abandonou o ambiente de exploração e de disputas territoriais em que vivia em outra região de Alagoas e veio fixar residência em meio às “arapiracas”, árvore nativa, em grande quantidade na época, que deram nome à cidade. Ali permaneceu, num ambiente onde por muito tempo se vivia harmoniosamente com os elementos da natureza. Para o momento atual, poderíamos ter aí uma visão romântica de vida no campo, visto que hoje os moradores da zona rural também passaram a conviver com os problemas da cidade, situação diferente naquela época em que a vida no campo representava um entrelaçamento sustentável entre o homem e a natureza.

Não se tem registros dessa transição ambiental, mas pressupõe-se que as transformações ambientais se intensificaram quando as plantações de fumo foram ocupando as terras arapiraquenses, não apenas pela toxicidade da planta, mas pelas situações que se embutiram à ação. As matas nativas deram lugar à indústria fumageira, atraindo produtores e trabalhadores, trazendo novos hábitos, novas formas de viver, o que, conseqüentemente, fez mudar as paisagens, as relações socioambientais e culturais. Nessa direção, é importante destacar que:

O que nos interessa aqui, não é destacar o certo e o errado nas nossas relações com a natureza, mas evidenciar as construções históricas e culturais que constituem

essa relação. E principalmente mostrar o quanto esses modos de pensar, valorizar e se relacionar com a natureza vêm se constituindo e se modificando pela história e cultura, com o intuito de problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade nos interstícios da Educação Ambiental (SCHLEE, 2019, p. 76).

Incorporando esse cenário, o tempo passou, outras famílias se estabeleceram no local, compondo primeiramente um povoado e, a seguir, uma cidade que, como tantas outras, conforme foi crescendo, foi pouco a pouco fazendo ver os prejuízos de um crescimento desordenado, deixando para trás a tranquilidade de uma vida pacata para adotar os problemas das cidades grandes, onde temas como violência urbana, poluição, desequilíbrio econômico, desemprego, entre outros problemas socioambientais passaram a ser assunto recorrente para a população.

Assim como em outros centros urbanos, as nascentes e os rios que compunham a paisagem da cidade, como o Rio Piauí, foram esquecidas ou deram lugar a praças. As florestas foram diminuindo para atender à expansão da cidade ou criar plantações de fumo, a população na zona rural foi diminuindo e, conseqüentemente, a zona urbana foi inchando, foram surgindo as favelas e outras conseqüências do crescimento desenfreado, como desemprego e poluição, entre outros problemas urbanos.

Seria injusto dizer que a larga produção de fumo no município, que o levou ao título de capital do fumo, não foi muito importante para a cidade, pois se pode afirmar que foi a mola que impulsionou o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade hoje com uma população de 234.185 moradores. Foi atrelado ao fumo que as primeiras indústrias chegaram à cidade, seguidas por mudanças no sistema escolar, de saúde e na segurança. No entanto, como já discutido anteriormente, o fumo trouxe também conseqüências socioambientais para a população durante o período de maior produção, ou seja, o mesmo ambiente proporcionava situações de ganho econômico e perda de vitalidade.

Como defende Carvalho (2012), é preciso repensar nosso olhar sobre as relações entre a sociedade e a natureza, isso significa “desnaturalizar” os modos de ver o que tínhamos como óbvio, questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana. A partir da nossa experiência histórica, podemos reinventar novas maneiras de ser e estar no mundo.

O ambiente cantado pelas Destaladeiras de Fumo de Arapiraca

Quando nos referimos à Educação Ambiental, estamos falando essencialmente de educação, pois ela não é ensinada ou trabalhada para plantas ou bichos, mas sim para seres humanos em sua relação com a natureza, com a vida, com o mundo. Tratam-se de questões objetivas e subjetivas diante da problemática ambiental, fruto de explorações, prioridades e interesses diversos que se caracterizam enquanto uma relação destrutiva do ser humano com o ambiente. Assim, falar de Educação Ambiental é falar do modo como o ser humano se organiza estruturalmente em sociedade e, conseqüentemente, tratar da sua cultura específica e de suas relações com outras culturas, de como se relacionam com os outros seres humanos e com o ambiente em que vivem, compreender quais as suas reais necessidades e prioridades para que, a partir disso, se possa planejar um trabalho educativo com uma base concreta na realidade, para poder assim realizar uma práxis transformadora de um ser humano enquanto espécie, indivíduo, cultura, natureza e sociedade.

Entende-se assim que a questão ambiental se apresenta interligada às intervenções culturais que nos rodeiam. Somos acometidos por representações culturais através das quais são constituídos significados, a partir da perspectiva e do lugar em que estamos situados no mundo. Para Henning, Garré e Vieira (2017, p.1):

A Educação Ambiental estabelece relações entre o homem e a natureza, entendendo que ambos não estão dissociados, mas que se integram, se produzem e se modificam na cultura. Assim, a EA estaria profundamente relacionada com as questões culturais, que produzem nossas vidas e com as quais convivemos e modificamos diariamente.

No âmbito das singularidades, constituídos pelo contexto que envolve o meio ambiente e o ser humano, a crescente conscientização do Homem acerca da necessidade de cuidados maiores para com a Natureza e dele mesmo em seu contexto o conduz a uma abrangência cada vez maior de enfoques, destacando-se uma rede de conhecimentos que implica abranger para recompor o que está mutilado, articular o que estava disjunto e pensar o que estava oculto.

Figura 2 – Interior de um salão de fumo



Fonte: Jornal Gazeta de Alagoas.

Ao se discutir os salões de fumo como ambiente de trabalho, levando em consideração a saúde, pensando no tripé trabalho/saúde/ambiente, percebe-se que esse era um assunto pouco discutido na época, quando pouco se falava sobre a saúde da mulher e, mesmo quando se tornavam notáveis alguns prejuízos à saúde, esses indícios eram invisibilizados ou percebidos em outra fase da vida. Das dez mulheres entrevistadas (duas entrevistas realizadas em novembro de 2020, duas em fevereiro de 2021 e dois grupos de três mulheres em agosto de 2021), somente três declararam sintomas ao lidar com o fumo; as outras disseram que não percebiam, na época, prejuízos à saúde no período da destalação do fumo, trazendo como exemplo os depoimentos de D. Zefinha e D. Carminha:

Eu acho que não, naquela época a gente não ia pra médico, não tinha posto de saúde, mas o meu marido teve um problema na pele e o doutor disse que foi por causa do veneno do fumo, mas é porque ele trabalhava na roça (D. Zefinha, novembro de 2020).

Na época que eu estava destalando fumo eu não reclamava de nada, não sentia nada, mas há um tempo atras eu tive um problema no pulmão e o doutor do posto

de saúde disse que foi por causa do fumo, mas já faz tanto tempo que eu não acredito que foi por isso (D. Carminha, novembro 2020).

Como se pode observar na Figura 2, os salões eram ambientes bem simples, um espaço fechado, com paredes sujas, o piso coberto de fumo, onde a única circulação do ar era entre as portas. A limpeza ocorria somente ao final do expediente, às vezes, pelas próprias mulheres. Os talos retirados do fumo permaneciam dentro ou na frente do salão e, muitas vezes, somente eram recolhidos ao final da semana. Percebe-se ainda que havia um desconforto de acomodação. Na verdade, cada Destaladeira levava ou improvisava seu assento ou se sentava diretamente no chão. Quadro esse bem relatado por Dona Dulce quando descreveu os aspectos físicos daquele ambiente:

O salão não tinha luxo nenhum, a gente sentava no chão ou levava o tamborete, era fumo espalhado por todo canto, as vezes o dono do salão levava lanche pra gente a noite, mas isso era de vez em quando, mas a noite sempre tinha café e chá pra espantar o sono (D. Dulce, novembro de 2020).

E Dona Dulce ainda complementa: “O ambiente era o salão ou às vezes a nossa casa cheia de folha de fumo, eu só lembro das mulheres sentadas no chão destalando ou ajuntando fumo e a gente cantando e falando das coisas da vida”. Nesse sentido, Fialho (2006) destaca que o trabalho realizado pelas mulheres e homens que trabalham com o fumo os deixa expostos a um contato direto com os riscos produzidos pelas condições e pela organização do trabalho, e que esses riscos produzem impactos à saúde física e psíquica, sendo difícil determinar quais causam mais danos à saúde do trabalhador.

Nas conversas com as Destaladeiras, fica bem claro que os prejuízos causados à saúde das mulheres eram recorrentes e aconteciam com muita frequência, atingindo um percentual de trabalhadoras maior do que o imaginado. Nos dois grupos de quatro mulheres entrevistadas no Bairro Canafístula, três pessoas disseram que o organismo não reagia bem ao contato com o fumo, principalmente nos primeiros dias, no entanto, ainda agora elas veem as reações como algo normal. Dona Eurides, Dona Mocinha e Dona Maria José disseram em consonância que: “Por muitas vezes ficavam bêbadas, com ânsia de vômito e dores de cabeça”, mas, segundo elas: “Era normal, quando estava mais forte, tomava um

chazinho as vezes até mesmo no salão e voltavam a destalar o fumo” (Entrevista Coletiva em 3 de agosto de 2021).

Outra situação desagradável é que, até a década de 1980, a maior parte da zona rural de Arapiraca ainda não dispunha de energia elétrica, o que implicava que nos salões ali localizados, durante a noite, quando esse trabalho se estendia noite adentro, a iluminação naquele espaço era feita somente por candeeiros ou lamparinas à base de querosene, que dissipavam no ambiente uma fumaça escura e o cheiro forte do combustível, além da pouca luminosidade para o exercício do trabalho, que pode ter ainda como consequência problemas oftalmológicos, o que para elas era uma situação normal.

Nos salões de fumo, nas casas ou nas ruas, os elementos poluidores apareceram e, entre eles, estavam os “talos de fumo” que se espalhavam e ficavam expostos por todo o ambiente, na área interna e externa e, geralmente, somente ao final da semana eram recolhidos. Ali, enquanto as mães destalavam o fumo, as crianças brincavam sobre eles de forma bem natural. No local, as pilhas de talos que, ao serem retiradas, já exalavam um perfume desagradável, após serem acumulados por dias seguidos, deixavam espalhar em toda a região um cheiro muito forte e desagradável, mas que já se naturalizava entre os moradores, mesmo que algumas pessoas tivessem reações adversas.

Assim, as conversas, em todos os momentos das entrevistas, nos levaram a uma constatação, já descrita por outros pesquisadores, quando enfatizam que a palavra “reclamação” não fazia parte do vocabulário dessas mulheres e nunca era pronunciada por elas em nenhum momento. Nas conversas, elas descrevem sempre com a mesma intensidade de contentamento os bons momentos de trabalhadoras e artistas, ou seja, todas dizem que sentem saudades dos salões, mas hoje estão amando participar de todas as atividades do grupo.

Na verdade, eu diria que as cenas aconteceram e acontecem em contextos diferentes: lá no passado, elas viam os salões como um espaço de ganho, onde podiam desempenhar outro papel além da função de dona de casa, associado a um lazer em parte por elas inventado. Atividades comuns, mas que pela vida simples que levavam, inclusive de submissão feminina, somente conseguiam visualizar os bônus. Agora, como grupo, essas

senhoras estão revivendo o lado prazeroso, numa fase da vida em que as boas lembranças do passado como trabalhadoras substituíram a monotonia cotidiana por elas vividas.

Figura 3 – Os talos de fumo nas ruas de Arapiraca



Fonte: Secretaria de Agricultura de Arapiraca.

O período que marcou a época da destalação de fumo em Arapiraca, quando a maioria residia na zona rural, foi uma época em que, mesmo sofrendo na pele as consequências dos prejuízos do fumo, ainda era possível viver em um ambiente interligado aos elementos da natureza. Um lugar onde existiam rios, riachos e açudes, onde cotidianamente se ouvia o canto dos pássaros, se sentia o cheiro do mato, o alimento vinha da roça e o remédio eram as ervas do quintal. Tratava-se de uma época em que não se falava em Educação Ambiental, mas existia um convívio harmonioso com a natureza, que pode ter começado a mudar com a produção desenfreada das plantações de fumo na região, o que fez com que os pequenos produtores passassem a ser desvalorizados e explorados, abrindo espaço para os fazendeiros e grandes produtores, que visualizando o lucro tomaram conta da paisagem, acabaram com a biodiversidade, envenenaram as águas e extinguíram as relações sociais que ali se construíram.

Arapiraca e a cultura do fumo: cantos e desencantos

Como descrito anteriormente, o município de Arapiraca tem sua base histórica construída a partir de um contexto contaminado por grandes prejuízos ambientais, reflexo dos muitos anos em que a economia do município ficou concentrada na cultura do fumo e, assim, surgem as primeiras inquietações, os primeiros grupos ou movimentos com ideologias ambientais no final dos anos 1980, que se intensificaram nas demais regiões do Brasil na década de 1990, como reflexo da Eco 92. Nesse período, foi implantada a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Arapiraca que, a partir daí, passou a conduzir debates nas escolas, nas comunidades, nas igrejas e em outros grupos, os quais se uniram para a constituição do Fórum de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável – FDLIS.

O FDLIS corresponde a uma janela aberta para as discussões socioambientais do município, o qual surgiu com o principal objetivo de construir a Agenda 2021 de Arapiraca e, posteriormente, passou a ser um espaço de debates das demandas ambientais, sociais e culturais da região, dando vez e voz aos participantes. O grupo é coordenado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, mas é composto por representantes das demais secretarias e todos os órgãos públicos e privados do município, universidades, representantes dos municípios circunvizinhos, líderes comunitários, mestres da cultura popular, sindicatos, pesquisadores e/ou qualquer pessoa da região metropolitana que tenha interesse em participar do debate.

Atualmente, a função do FDLIS em suas assembleias, não mais tão frequentes, ainda é trazer para o debate questões locais, buscando promover mudanças e buscar parcerias nas atividades de planejamento e desenvolvimento urbano, expondo as potencialidades de Arapiraca e, também, os seus principais problemas, a fim de buscar possíveis soluções coletivas ou junto ao poder público. Uma função permanente do fórum é manter vivos os grupos representativos da arte e da cultura, como, por exemplo, os grupos das Destaladeiras de Fumo.

O sonho de uma “Cidade do Futuro”, com visão de sustentabilidade, vem se pensando, planejando e constituindo com a participação efetiva de muitas pessoas.

Aconteceu uma grande roda de comunhão de ideias e aspirações entre todos os segmentos da sociedade civil organizada, do poder público e do setor econômico do município de Arapiraca. Como numa dança de ciranda – um dos símbolos da Agenda 21 no País – cada pessoa coloca a sua mão por cima da mão de outra pessoa, pois, ao mesmo tempo em que podemos ajudar, precisamos também receber ajuda. Assim, todos que vivenciaram o processo da Agenda 21 Arapiraca apertaram-se as mãos e dançaram e viveram com muito entusiasmo essa ciranda (ARAPIRACA, 2008).

Figura 4 – Agenda 21 de Arapiraca



Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Arapiraca.

As reuniões do FDLIS acontecem sempre na primeira quinta-feira de cada mês e, no período da construção da Agenda 21, aconteciam também as reuniões de grupo de trabalho quando se discutiam as temáticas a serem levadas para discussão no fórum. Posso dizer pela experiência de participante, como docente do Curso de Ciências Biológicas e representante da Gerência Regional de Educação, que era um momento muito esperado, por representar

um espaço aberto para informações, sugestões e reclamações, em que professor, aluno, secretários ou qualquer representante da sociedade civil podiam ouvir e ser ouvidos numa mesma proporção.

Como docente, as minhas melhores lembranças desse período ficaram na organização das Conferências Infanto Juvenis pelo Meio Ambiente, evento que trazia um acalento às ações pedagógicas dos professores ao ver crianças discutindo as questões de suas escolas e de suas comunidades como gente grande. Os encontros com o Coletivo Jovem pelo Meio Ambiente envolviam alunos da UNEAL e da Educação Básica e as atividades do Programa de Educação Ambiental Lagoa Viva⁵, que propunha ações para as escolas e executava momentos de discussão e formação em Educação Ambiental com professores da Educação Básica em boa parte das regiões de Alagoas.

Assim, associando as Destaladeiras de Fumo a essas discussões, articuladas às ações de políticas públicas de apoio à população e de proteção às mulheres, como construção de postos de saúde, creches, Lei Maria da Penha, Bolsa Família e outras ações passaram a garantir o mínimo de segurança e conforto para as mulheres fumageiras, somando-se ao fato de que a realidade das novas gerações das mulheres do campo já não é a mesma. Hoje, essas meninas e mulheres têm acesso à escola, à universidade e participam de cooperativas e dos grupos de apoio e melhoria das atividades agrícolas, integram as discussões em defesa das mulheres e da melhoria da qualidade de vida de suas comunidades, levando em consideração as questões sociais, culturais e ambientais.

Dentro dessa perspectiva, podemos assim perceber que a Educação Ambiental vem cada vez mais ganhando força, espaço e potência, estando bem presente em nossa vida diariamente. Na visão de Garré (2015), a Educação Ambiental não se restringe unicamente a atividades escolares. Ela se faz presente em diversos espaços formais e não formais. A mídia tem sido uma forte estratégia de veiculação discursiva de questões relacionadas ao ambiental, e ao natural, e minuto a minuto somos convidados a pensar sobre as inúmeras questões ambientais.

⁵ O *Programa de Educação Ambiental Lagoa Viva* atua em diversos municípios do estado de Alagoas, desenvolvendo projetos no entorno do Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba, regiões da caatinga, da mata e litorânea, sul e norte, contabilizando 39 municípios e a capital de Alagoas.

Nesse sentido, entendemos que as questões sobre a Educação Ambiental devem estar presentes nas escolas, universidades, organizações governamentais e não-governamentais e, assim, os cursos de formação de professores devem assumir a sua responsabilidade ambiental e social, justamente pela obrigação de formar indivíduos preparados não apenas para o mercado de trabalho, mas também com um olhar sensibilizado e consciente voltado às questões socioambientais.

Percebe-se, no entanto, que a maioria dos cursos de licenciatura não incluem a Educação Ambiental em sua base curricular. Tomando como base a UNEAL, dos sete cursos de formação de professores, apenas os cursos de Ciências Biológicas, Geografia e Pedagogia ofertam a disciplina, situação que tem reflexo lá na escola, quando se passa a entender que as discussões ambientais são sempre responsabilidade dos professores de Ciências, Biologia ou Geografia, não a percebendo como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades.

Essas transformações têm contribuído para os avanços nas discussões de questões que, durante muito tempo, permaneceram marginalizadas nos fóruns pertinentes à escola. Exemplo disso é o crescente número de pesquisas focadas nas minorias sociais, na sexualidade, pluralidade étnico-racial, entre outros temas, graças às abordagens embasadas especialmente em estudos de cunho etnográfico. Nessa trilha de pensamento, Guimarães nos alerta que:

Quem sabe o que precisamos é provocar um esvaziamento de tudo aquilo que já carregamos conosco quando se trata de pensarmos sobre temas socioambientais. Trata-se, quem sabe, de produzir um processo de apagamento das linhas mais presentes, mais recorrentes. A página em branco que está na nossa frente quando escrevemos já está, de antemão, muito preenchida pelas lentes costumeiras que acionamos. Precisamos, quem sabe, esvaziar as imagens que nos habitam e que nos deixam estáticos e nos deixar construir um novo desenho. (GUIMARÃES, 2015, p. 63).

Nesse sentido, é importante destacar que a busca por respostas teóricas e práticas de enfrentamento da crise socioambiental traz o questionamento quanto à utilização da educação como instrumento para criar e promover valores, ideias, sensibilidades e atitudes favoráveis à preservação da natureza. Trata-se, então, de estimular uma socialização pró-ambiente, capaz de explorar suas funções de reprodução cultural naquilo que a herança

cultural valoriza: a vida humana, social e natural e de transformação cultural daqueles aspectos da tradição e a da cultura dominantes que produzem processos de degradação da vida social e ambiental.

Considerações Finais

Em relação às questões ambientais no contexto social de Arapiraca, foi importante fortalecer a ideia de que podemos falar de Educação Ambiental a partir de outros enfoques, e não apenas como um fenômeno que foi historicamente constituído, simplesmente pelo conceito humanidade/natureza, mas fazendo perceber que podemos navegar por outras águas e outros mares, aproveitando as inúmeras correntes, o que conseqüentemente nos faz ampliar os olhares, podendo direcioná-los a um contexto arte/cultura/currículo escolar.

Então, a Educação Ambiental se constitui como vias de práticas possíveis. Ainda, aparecem as tentativas micropolíticas de atuação nos jogos de poder, a invenção de possibilidades nas entranhas de poder enquanto produtivo. Assim, é importante refletir como reconhecemo-nos como indivíduos da Educação Ambiental, que constroem o seu agir muitas vezes através do imagético. “Talvez nossas práticas pedagógicas necessitem exercitar deslocamentos não apenas da imagem em si mesma, mas também dos nossos focos” (GUIMARÃES, 2013, p. 49).

Assim, inserida nesse contexto, percebe-se a importância de pensar algumas questões culturais que podem ser potentes quando incorporadas às discussões ambientais que fazem parte do objeto da pesquisa, e no centro desse contexto exaltamos as Destaladeiras de Fumo mulheres que hoje cantam ou contam sobre um passado, atrelado a um ambiente de pobreza, exploração e poluição, mas também momentos de solidariedade, de troca de saberes e de compartilhamento de uma cultura que atravessa o tempo e as faz utilizar a arte para fazer viver as memórias históricas de Arapiraca, trazendo o passado para o presente.

Referências

ALMEIDA, Guilherme Eidt Gonçalves. **Fumo: servidão moderna e violação dos direitos humanos**. Curitiba: Terra de Direitos, 2005.

ARAPIRACA. **A cidade do futuro**: agenda 21 de Arapiraca. Arapiraca, AL: Edufal, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DIAS, Julia. Relatório da OMS sobre tabaco destaca Brasil. **Agência Focruz de Notícias**, 30 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Y5s1Oi>. Acesso em: 21 maio 2023.

FIALHO, Raquel Ribas. Os sentidos do trabalho para os agricultores e as agricultoras familiares de pequenas unidades produtoras de tabaco no município de Santa Cruz do Sul/RS. In: FERREIRA, Fischborn; ETGES, Virgínia Elisabete (orgs.). **A produção de tabaco**: impactos no ecossistema e na saúde humana na região de Santa Cruz do Sul/RS. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2006.

GARRÉ, Bárbara Hess. **O dispositivo da educação ambiental**: modos de constituir-se sujeito na Revista Veja. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/43j68r0>. Acesso em: 21 maio 2023.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através dos tempos**. Maceió: Mastergraphy, 1999.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PREVE, Ana Maria. Fotografias de deslocamentos no ambiente: fugas em uma prática educativa. **Ci. Huma. e Soc. em Rev. RJ, EDUR**, v. 35, n. 2, p. 48-59, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3MNAEnE>. Acesso em: 21 maio 2023.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que silencia em nós os temas controversos? **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. spe., p. 55-64, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/38pmlA>. Acesso em: 21 maio 2023.

HENNING, Paula Correa; GARRÉ, Bárbara Hess, VIEIRA, Virgínia Tavares. O discurso da educação ambiental em artefatos culturais da realidade. **Interacções**, v. 13, n. 44, p. 123-143, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3pWaeXT>. Acesso em: 21 maio 2023.

OLIVEIRA, Marcos Antonio Dantas de. **Crescimento e estagnação do cooperativismo agrícola na região fumageira de Arapiraca – AL**. 2005. 215 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

PERES, Frederico; MOREIRA, Josino Costa (orgs.). **É veneno ou remédio?** Agrotóxicos, saúde e ambiente. Rio de Janeiro: Focruz, 2003.

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENINGTON, Elida Azevedo. Cultivo do tabaco no Sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 19, n. 12, p. 4797-808, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/42UOKJr>. Acesso em: 21 maio 2023.

SCHLEE, Juliana Corrêa Pereira. **Mulheres, pampa e natureza:** um olhar para a educação ambiental. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

Submetido em: 20-12-2021

Publicado em: 18-08-2023